

## **CASA MIGUEL VITA, RECIFE. 1958: RESGATE DO PATRIMÔNIO MODERNO ATRAVÉS DA DOCUMENTAÇÃO.**

CASA MIGUEL VITA, RECIFE. 1958: RESCATE DEL PATRIMONIO MODERNO MEDIANTE LA DOCUMENTACIÓN.

CASA MIGUEL VITA, RECIFE. 1958: RESCUE OF MODERN HERITAGE THROUGH DOCUMENTATION

### **AFONSO, ALCILIA**

Doutora em Projetos Arquitetônicos (ETSAB/ UPC /Espanha); Professora adjunta do curso de Arquitetura e Urbanismo/ UFCG; Professora efetiva do PPGH/UFCG  
E-mail: kakiafonso@hotmail.com; Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6344-9329>

#### **RESUMO**

O artigo possui como objeto de estudo, o resgate documental através de tecnologias digitais, de uma residência projetada pelo arquiteto Delfim Amorim, com colaboração do arquiteto Armindo Leal, para a família do industrial Miguel Vita, em 1958, no bairro de Casa Forte, em Recife, Pernambuco. O objetivo é socializar os resultados de uma investigação realizada sobre a obra do arquiteto e professor português radicado em Recife, e que teve papel fundamental na consolidação da modernidade arquitetônica no nordeste brasileiro. Justifica-se trazer à tona tal discussão, tomando-se como estudo de caso essa casa- que era considerada um dos mais significativos exemplares da produção moderna residencial pernambucana- mas que foi recentemente demolida, para dar lugar a mais um arranha-céus. A obra será analisada arquitetonicamente, expondo o processo de documentação, tornando-se esse, uma peça fundamental na preservação da memória da edificação.

PALAVRAS-CHAVE: documentação; arquitetura moderna; patrimônio moderno.

#### **RESUMEN**

El artículo tiene como objeto de estudio, el rescate documental mediante tecnologías digitales, de una residencia proyectada por el arquitecto Delfim Amorim, con la colaboración del arquitecto Armindo Leal, para la familia del industrial Miguel Vita, en 1958, en el barrio de Casa Forte, en Recife Pernambuco. El objetivo es socializar los resultados de una investigación realizada sobre la obra del arquitecto y profesor portugués residente en Recife, y que tuvo un papel fundamental en la consolidación de la modernidad arquitectónica en el noreste de Brasil. Está justificado plantear tal discusión, tomando como caso de estudio esta casa - que fue considerada uno de los ejemplos más significativos de producción residencial moderna en Pernambuco - pero que fue demolida recientemente, para dar paso a otro rascacielos. La obra será analizada arquitectónicamente, exponiendo el proceso de documentación, convirtiéndose esta, en una pieza fundamental en la preservación de la memoria del edificio.

PALABRAS CLAVES: documentación; arquitectura moderna; herencia moderna.

#### **ABSTRACT**

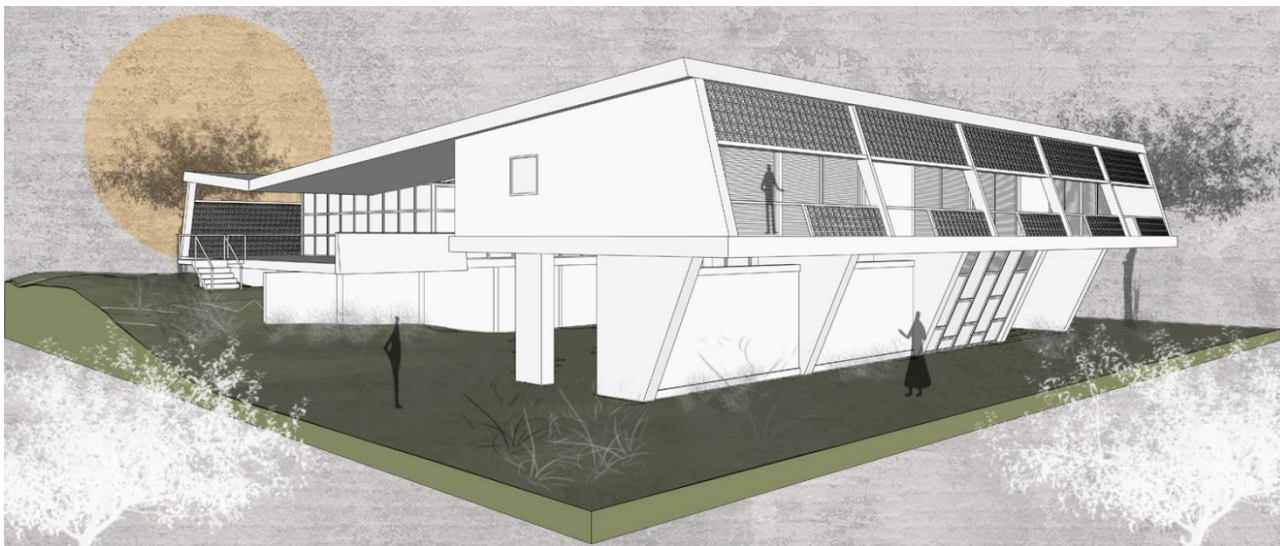
The article has as object of study, the documentary rescue through digital technologies, of a residence designed by the architect Delfim Amorim, with the collaboration of the architect Armindo Leal, for the family of the industrialist Miguel Vita, in 1958, in the neighborhood of Casa Forte, in Recife Pernambuco. The objective is to socialize the results of an investigation carried out on the work of the Portuguese architect and professor living in Recife, and which had a fundamental role in the consolidation of architectural modernity in northeastern Brazil. It is justified to bring up such a discussion, taking as a case study, this house that was considered one of the most significant examples of modern residential production in Pernambuco - but which was recently demolished, to make way for another skyscraper. The work will be analyzed architecturally, exposing the documentation process, becoming this, a fundamental piece in the preservation of the building's memory.

KEYWORDS: documentation; modern architecture; modern heritage

## INTRODUÇÃO

O artigo possui como objeto de estudo, o resgate documental de uma residência projetada pelo arquiteto Delfim Amorim, com a colaboração do arquiteto Armindo Leal, para a família do industrial Miguel Vita ( figura 1), em 1958, no bairro de Casa Forte, em Recife, Pernambuco, que foi demolida no início do mês de outubro de 2020, de forma abrupta, conforme será visto no decorrer do texto.

Figura 1: Reconstrução virtual da Casa Miguel Vita enquadrando as fachadas nordeste e sudeste.



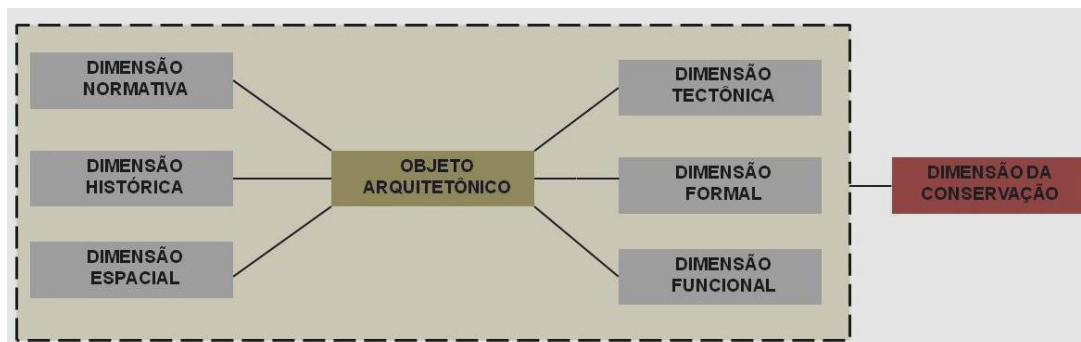
Fonte: Reconstrução virtual realizada por Ivanilson Pereira baseado em redesenho em Autocad de Alcilia Afonso. 2020.

O objetivo é socializar os resultados de uma investigação realizada sobre a obra do arquiteto e professor português radicado em Recife, realizada por Afonso (2006), e que teve papel fundamental na consolidação da modernidade arquitetônica no nordeste brasileiro, tomando como estudo de caso específico, a Casa Miguel Vita.

Justifica-se trazer à tona tal discussão, tomando-se como estudo de caso, essa casa que era considerada um dos mais significativos exemplares da produção moderna residencial pernambucana- mas que foi recentemente demolida, para dar lugar a mais um arranha-céus.

A obra será analisada arquitetonicamente, expondo o processo de documentação, tornando-se esse, uma peça fundamental na preservação da memória da edificação.

Figura 2: As dimensões arquitetônicas de análise



Fonte: AFONSO, 2019.

Como metodologia para a análise arquitetônica (figura 2), foi aplicada a linha trabalhada por Afonso (2019) que propõe um olhar analítico e crítico sobre as dimensões arquitetônicas relacionadas ao objeto, tais como questões voltadas para as normativas que regem a obra; o espaço exterior e interior da edificação; os temas de tectônica, observando soluções estruturais, de peles, detalhes, materiais, texturas e cores; a linguagem formal e estilo adotado; o uso e funcionalidade do edifício ao longo dos anos; e o estado de conservação da mesma, como análise conclusiva.

Esclarece-se, todavia, que para realizar tal análise é fundamental o acesso às fontes primárias que contenham o material projetual, tais como plantas baixas, cortes, fachadas, perspectivas, memoriais- e que possibilitarão o redesenho do projeto arquitetônico em programa gráfico, a fim de que se compreenda o processo projetual da mesma, seus princípios e critérios adotados.

Tais informações são coletadas em arquivos públicos ou privados, mas no caso em pauta, o material foi conseguido no arquivo municipal da 4ª. Regional da DIRCON/ da Prefeitura Municipal de Recife.

Essa documentação original será trabalhada com programas gráficos digitais, como o Autocad e o Sketchup permitirá a reconstrução virtual do objeto arquitetônico, gerando uma nova documentação contemporânea que servirá de base para resgate da memória arquitetônica e construtiva, além, também de poder servir de subsídios para possíveis intervenções, caso o imóvel ainda não tenha sido demolido.

## **APOORTE TEÓRICO**

As palavras – chaves do artigo estão voltadas para temas de documentação; arquitetura moderna; e do patrimônio moderno. Dessa maneira, tratar-se-á aqui, brevemente, dos aportes teóricos que embasaram o texto.

A importância da documentação é a chave para se dar início a uma reflexão sobre a preservação do patrimônio arquitetônico moderno. Em uma webinar realizada sobre o tema da documentação e o uso de ferramentas tecnológicas (2020), o professor venezuelano Mario Santana Quintero, colocou que: *“A documentação é uma prática profissional multidisciplinar e requer formação específica. O objetivo da documentação é prolongar a vida útil do patrimônio e deve basear os projetos de conservação. Serve também para interpretação e apresentação de um sítio”*.

O diretor do Departamento de patrimônio imaterial/DPI do IPHAN/Instituto de patrimônio Histórico Nacional, o advogado Hermano Queiroz, em sua fala na citada Webinar (2020), complementou sobre o papel da documentação:

A documentação ocupa um papel central para a salvaguarda do patrimônio cultural sobretudo quando estamos diante de saberes, conhecimentos, técnicas e habilidades que precisam de um suporte físico para se manter. A documentação é, por si só, um patrimônio cultural e demanda investimento contínuo para sua salvaguarda. (QUEIROZ,2020, s/p)

Documentar é reunir e organizar informações, para um determinado fim. Seja de forma analógica, ou digital, entende-se que tal tarefa é o primeiro passo para um trabalho de preservação cultural. Corroborando com tal afirmativa, o professor Márcio Minto, colocou em sua fala durante a Webinar (MINTO, 2020, s/p): *“A documentação digital permite novos entendimentos do patrimônio, e além de salvaguardar com precisão informações sobre esse patrimônio, elas ajudam à sua compreensão”*

A segunda palavra-chave está voltada para o conceito de arquitetura moderna, que possui como uma de suas plataformas teóricas, a aplicação de princípios trabalhados por Le Corbusier para uma nova arquitetura e os pontos contidos na Carta de Atenas, publicada por Le Corbusier (1989).

Le Corbusier em texto escrito nos anos 50, contido em sua obra *“Por Uma Arquitetura”* - colocou que o volume, a superfície, a planta e os traçados ordenadores são alguns *“lembretes”* que o arquiteto deveria estar sempre atento para a produção de uma arquitetura que adotava a forma moderna:

O volume que é o elemento pelo qual nossos sentidos percebem e medem, sendo plenamente afetados. A superfície que é o envelope do volume e que pode anular ou ampliar sua sensação. A planta que é a geradora do volume e da superfície e que é aquilo pelo qual tudo é determinado irrevogavelmente. (LE CORBUSIER, 2000,9)

Ele defendia que o volume e a superfície são os dois elementos pelos quais a arquitetura se manifesta, determinados pela planta geradora, a determinação do todo, e *“ traz consigo um ritmo primário determinado: a obra se desenvolve em extensão e em altura segundo suas prescrições com consequências que se estendem do mais simples ao mais complexo.”*. (LE CORBUSIER, 2000,9)

O arquiteto Delfim Amorim seguia a teoria *“le corbusieriana”* e aplicava na sua prática projetual tal discurso, que foi também reforçado pela adoção do traçado regulador baseado na colocação que: *‘um módulo mede e unifica; um traçado regulador constrói e satisfaz’* (LE CORBUSIER, 2000,44). Essa trama ordenadora que embasa a arquitetura moderna partia sempre de um módulo, que regula e ordena o projeto, reparte os esforços para a sua solidez e utilidade.

Koch (1994) escreveu que as marcas que evidenciam a arquitetura moderna são:



A estrutura evidenciada como valor estético em si. Privilegiam-se o cubo e o ângulo reto. Edifícios compostos por elementos pré-fabricados, arranha-céus residenciais e de escritórios sem adornos e funcionais, edifícios religiosos, assim como grandes obras de engenharia em concreto, aço e vidro. (KOCH,1994,63)

Enfim, uma linguagem que desenvolveu suas obras apoiadas em princípios projetuais como a adoção de tramas ordenadoras, espaços transparentes, abstração da forma, o diálogo entre estrutura e arquitetura, a atenção aos detalhes projetuais e construtivos.

Delfim Amorim (OITICICA. 1991, 25), relacionou a arquitetura moderna com o passado, dizendo: *“Arquitetura moderna é tudo que pressupõe a ideia de uma negação, não do passado, mas das impossibilidades que esse passado enfrentou para satisfazer algumas necessidades do homem”,* complementando que: *“O arquiteto de hoje, o arquiteto autêntico tem Temos que estudar os problemas de hoje com espírito analítico, não podendo nos amarrar a velhas fórmulas, repetir as formas ou técnicas do passado”.*

O acervo arquitetônico das obras modernas constituem o conjunto de bens do patrimônio moderno, recordando aqui que o patrimônio arquitetônico, entendido também como patrimônio edificado, *“corresponde a uma categoria de patrimônio cultural que compreende as edificações isoladas, os conjuntos arquitetônicos e os sítios urbanos aos quais são atribuídos valores culturais”*- conforme definiu Andrade Jr (2020:39).

A expressão patrimônio do moderno, de acordo com Camargo (2020, 169), foi consolidada em meados dos anos 1980 e o Brasil foi precursor no reconhecimento do acervo da modernidade. Contudo, observa-se que *“muitos desses bens, mesmo com pouca idade, encontram-se deteriorados, seja pelo caráter experimental de sua construção, seja pelo desconhecimento dos procedimentos de restauro”*, conforme complementou Camargo (2020,169).

Além desses fatores, soma-se à tal perda, o acelerado processo urbano apoiado pela especulação imobiliária, que em busca de terrenos para a implantação de novos programas arquitetônicos, vem demolindo de forma abrupta o acervo das casas modernas que ocupavam grandes lotes em bairros antes residenciais, e que na atualidade se transformaram em zonas de comércio e serviços.

A Casa Miguel Vita é um exemplo prático e atual de tal colocação, e como maneira de resgate de sua memória arquitetônica, esse texto enfocará os temas pertinentes à sua documentação, considerando que o da edificação nada mais resta, a não ser esse trabalho documental que aqui apresenta-se.

### **RESGATANDO O AUTOR DA OBRA: DELFIM FERNANDES AMORIM.**

O autor da obra que será trabalhada nesse texto, trata-se do português Delfim Fernandes Amorim, nascido na vila de Amorim, em Póvoa de Varzim, distrito de O Porto, Portugal, em abril de 1917, e que imigrou para o Recife, no final de 1951, falecendo precocemente, em 1972, aos 55 anos, após uma profícua trajetória profissional, conforme será visto nesse texto.

Para a elaboração da pesquisa sobre Amorim, Afonso (2006) trabalhou com documentação obtida em fontes primárias obtidas dos arquivos do Centro de Artes e Comunicação da “Universidade Federal de Pernambuco / UFPE” e o da Câmara Municipal do Recife, e seus distritos administrativos regionais- para ter acesso aos projetos que a autora analisou em sua tese doutoral. Como fontes secundárias, foram trabalhadas quatro bibliografias básicas que aportaram a pesquisa.

A primeira referência bibliográfica, trata-se de um texto do professor francês Bruand (1981), que em sua tese de doutorado intitulada “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, dedicou parte de sua obra a refletir sobre a importância da produção de Amorim na renovação da arquitetura pernambucana, chamando a atenção para a sua relação com a arquitetura tradicional luso-brasileira. Yves Bruand foi o primeiro a reconhecer o mérito da atuação de Amorim no cenário brasileiro.

A segunda, foi o livro organizado por Oiticica (1991)- intitulado "Delfim Amorim Arquiteto" -fruto de um trabalho iniciado em 1979 por uma equipe de investigadores, composta por arquitetos e estudantes de arquitetura, que integraram o Instituto dos Arquitetos de Pernambuco/IAB- com o objetivo de inventariar não apenas as obras concebidas e construídas, mas também, os textos produzidos por Amorim sobre arte, arquitetura e ensino em Portugal e no Brasil.

A primeira edição foi publicada em 1981, com tiragem de 1.000 exemplares e a segunda, em 1991, com 3.000 exemplares, buscando divulgar o importante trabalho realizado pelo arquiteto no Nordeste brasileiro. É um livro que



tenta compilar sua obra por meio de arquivos compostos por algumas fotos, plantas e seções de construção esquemáticas, sem realmente analisar tais projetos arquitetonicamente.

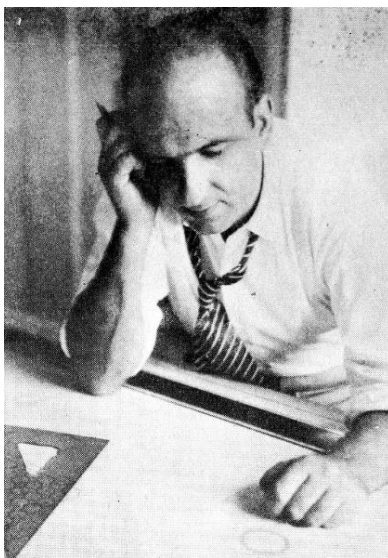
A importância deste livro reside no fato de ele reunir um rico material a ser trabalhado, pois foi por meio dele que se conheceram seus textos escritos na década de 50, podendo extrair a essência de suas ideias sobre a arquitetura moderna. Participou desse livro, entre outros, o professor Geraldo Gomes, seu ex-aluno e atual professor do curso de arquitetura da UFPE, profundo conhecedor da obra de Amorim e um dos filhos de Amorim, arquiteto e atualmente professor da mesma Universidade, Luiz Amorim.

A terceira bibliografia consultada foi um texto da autoria de Luiz Amorim, publicado na revista AU, em 1989, com o título "Delfim Amorim. Construtor de uma linguagem síntese" (AMORIM,1989), em que o filho do arquiteto percorreu os pontos que considerou mais importantes na obra do pai, chamando a atenção para a sua atuação como intelectual, professor e arquiteto. Destacou os elementos arquitetônicos mais relevantes da sua obra.

A quarta referência foi um texto também publicado na revista AU/ Arquitetura e Urbanismo de autoria do Professor Geraldo Gomes, na seção "Documentos", intitulada "Delfim Amorim" (GOMES,1995) que faz uma compilação de síntese sobre a obra de Amorim, abrangendo grande parte dos projetos com breves comentários sobre as obras mais importantes obras do período em que o arquiteto trabalhou em Recife (1952/1972).

Delfim Amorim (figura 3) estudou arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto, licenciando-se em 1947 e como aluno, estagiou com António Fortunato de Matos Cabral. Durante quatro anos (1947/1951) trabalhou em Portugal como arquiteto, dedicando-se à tarefa de divulgar os princípios da arquitetura racionalista através dos seus projetos, palestras, exposições e artigos em revistas e jornais especializados em arquitetura.

Figura 3: Delfim Amorim



Fonte: AFONSO, 2006.

Foi um dos fundadores da ODAM / Organização em Defesa da Arquitetura Moderna, em 1947 e fez parte de um grupo de arquitetos considerados vanguardistas neste país, projetando casas na Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila do Conde, Elvas, Paredes, O Porto, e possuindo alguns trabalhos publicados na revista portuguesa "Arquitetura", em 1948.

Delfim Amorim foi professor auxiliar na disciplina de Grandes Composições de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto entre os anos 1950 e 51.

Em dezembro de 1951, após desenvolver um importante trabalho em Portugal, como intelectual e arquiteto, fugindo da ditadura de Salazar, aos trinta e quatro anos, casado e com três filhos, decidiu vir para o Brasil, especificamente para Recife, de onde foi abrigado por familiares e amigos que o apoiaram neste momento de transição.

A sua produção arquitetônica na cidade do Recife, devido aos vinte anos em que exerceu a profissão, como arquiteto e professor do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco/ EBAP, foi intensa, observando-se na sua trajetória, que antes de ser reconhecido pelos seus méritos profissionais, teve o apoio da "próspera comunidade portuguesa" residente na cidade e proprietário de vários negócios comerciais locais.



O que se observa, analisando a lista de trabalhos desenvolvidos por ele, (GOMES E AMORIM, 1991) é que suas primeiras encomendas foram para projetos de lojas consagradas da cidade, como a Camisaria União, Camisaria Rialto e várias reformas em edifícios comerciais de portugueses residentes no Recife, tais como os realizados para o Restaurante Avis, Ofir Camisaria, Camisaria Aliança, entre outros.

Segundo Afonso (2006, 284), o arquiteto e professor Acácio Gil Borsoi, recebeu boas referências sobre a chegada de Delfim Amorim à cidade, e após o conhecer e conviver um período com ele, o convidou para ser seu assistente na disciplina de Pequenas Composições, a partir de 1953.

Antes mesmo de Amorim entrar como assistente de Borsoi no curso de arquitetura, os dois trabalharam em um escritório localizado no mesmo prédio onde funcionava o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Essa coexistência com o IPHAN, o influenciou, pois, aproximou-o do acervo arquitetônico brasileiro.

Após obter a cidadania brasileira em 1956, e com a saída do professor e arquiteto italiano Mario Russo do curso de arquitetura, Amorim foi contratado como professor titular da disciplina de Pequenas Composições, em substituição a Borsoi, que passou a ser o responsável pela disciplina de Grandes Composições.

Segundo o depoimento de Gomes (1995, 73), seu ex-aluno: *“Foi no curso de arquitetura, transformado em faculdade em 1959, que Amorim fortaleceu seus domínios, de tal forma que ainda não surgiu outro professor da sua magnitude”*.

Sua atuação como professor universitário, atuando na disciplina de pequenas composições, dialogava constantemente com sua prática como arquiteto, aliando seus princípios projetuais entre ensino e projeto, e acreditava que o contato com os materiais e um conhecimento desenvolvido a partir das possibilidades técnicas de realização era de extrema importância para o aluno;

Em suas posturas acadêmicas, caracterizadas por sua exigência de qualidade projetual e técnica, chamava a atenção dos alunos para as condições geográficas, geológicas, climáticas, sociais, econômicas, técnicas e construtivas que compunham o projeto arquitetônico.

O professor e seu ex-aluno, Geraldo Gomes - escreveu sobre a trajetória profissional de Amorim:

Fazer e ensinar como se faz arquitetura foram duas atividades inseparáveis para Amorim. Ensinando como se fazia arquitetura e não como fazia arquitetura, Amorim sempre precedeu a afirmação de um tema com sua conceituação teórica. Apesar de ser muito conhecedor de várias questões relativas ao habitat humano e à cultura em geral, não se envolvia em outras atividades, dedicando-se apenas à arquitetura. (GOMES, 1995, 74)

## A OBRA RESIDENCIAL DO ARQUITETO

Antes de ser analisado um estudo de caso específico produzido pelo arquiteto Delfim Amorim, é importante conhecer-se um panorama de sua produção residencial recifense, que foi dividida em cinco fases pelo professor Geraldo Gomes em artigo publicado na Revista Arquitetura e Urbanismo (GOMES, 1995, 74).

Essa classificação possui enfoque mais morfológico do que cronológico, ou seja, características de uma fase que podem ser encontradas na seguinte. As fases de sua obra podem ser divididas em:

1. Primeira fase: a aplicação da receita corbusieriana da solução do programa é observada em um único volume bem definido, com estrutura independente das paredes, uso de pilotis, janelas horizontais, pisos abertos e terraços ajardinados. As casas Antônio Rocha (1947) em Guimarães, Portugal, e a casa Antônio Lages (1954), no Recife, são os melhores exemplos desta fase. Bruand (1981) em texto sobre o arquiteto português escreveu:

Seus primeiros trabalhos, inspirados no espírito e na doutrina de Le Corbusier, preservaram um ar europeu e uma certa frieza: o rigor geométrico da Casa Lages e o uso exclusivo de materiais artificiais estiveram intimamente ligados ao estilo internacional do período entre os duas guerras que refletiram a desconfiança dos arquitetos do velho continente que apoiavam o movimento racionalista, por tudo que não era totalmente novo. (BRUAND, 1981, 147)

2. Segunda fase: a arquitetura moderna brasileira, desenvolvida no Rio de Janeiro, que incorporou valores da cultura brasileira à modernidade, influenciou Amorim. Adotou o uso de prismas trapezoidais, colunas em V, tetos em asa de borboleta e janelas do período colonial brasileiro. Dois bons exemplos dessa fase são as casas Antônio Lages (1954) e Miguel Vita (1958).



3. Terceira fase: são casas que assimilaram a leveza plástica da arquitetura moderna brasileira, adotando um partido de composição mais contente, resgatando inconscientemente a sobriedade das casas rurais do passado colonial luso-brasileiro, apresentando como características: 1. Telhados de lajes de concreto armado com pequenos declives, geralmente empena, apoiados em paredes de alvenaria estrutural de tijolo ou pontaletes curtos de ferro, por sua vez assentados nas paredes; 2. Utilização de ladrilhos cerâmicos em lajes criando colchões de ar; 3. Programas com planos nem sempre sobrepostos; 4. Uso de azulejos policromados para revestimento de fachada; 5. Portas e janelas de madeira inspiradas nas treliças coloniais.

As casas Serafim Amorim (1960) e Vale Júnior (1963) são as que melhor representam esta fase, e que influenciaram dezenas de arquitetos da região Nordeste do Brasil que adotaram esta proposta como uma linguagem moderna compatível com o ambiente fiscal e cultural. Esta solução também foi amplamente aceita por construtores sem formação superior, que de certa forma a popularizaram pelo seu baixo custo e pelo seu desempenho climático e espacial.

4. Quarta fase: Concreto armado utilizado em coberturas planas e horizontais, e em elementos estruturais sem revestimentos após a sua modelação. A casa foi decomposta em diferentes volumes que frequentemente correspondiam a diferentes funções. Gomes citou como exemplo as casas Brennand (1968) e Miguel Doherty (1969).

5. Quinta fase: o arquiteto trabalhou com uma cobertura em laje de concreto armado fortemente inclinada, denotando mais liberdade em sua composição. Tais características são observadas nas residências Alfredo Pereira Correia (1969) e Luiz Vilar (1970).

No total, foram projetadas mais de sessenta casas, onde se observa que o ambiente brasileiro modificou o estilo que ele trouxe de Portugal, fazendo-o compreender o perigo de depoimentos teóricos abstratos muito absolutos.

Bruand (1981, 147) analisou essas mudanças em sua obra arquitetônica:

A atitude de desafio adoptada em Portugal face à arquitetura tradicional do seu país, impedia-o de valorizar as suas qualidades, mas essa atitude não fazia sentido no Brasil, onde esta fase já tinha sido ultrapassada, aliás, o clima do Recife, terrivelmente quente e úmido e que, conseqüentemente, criava grandes problemas para a conservação das edificações, coube a ele demonstrar que seus ancestrais muitas vezes encontraram soluções mais adequadas às instalações do que as propostas pelos grandes mestres europeus do século XX. Desta forma, reformulou totalmente as ideias que trouxe de Portugal, comprometendo-se com determinação em novas investigações. (BRUAND, 1981, 147)

O segundo ponto de esclarecimento sobre a obra de Amorim refere-se às contribuições pessoais do arquiteto para a arquitetura brasileira, citadas por autores como Gomes, Bruand e Luiz Amorim, que concordam nos seguintes aspectos das contribuições de sua obra: 1) Rigor técnico; 2) Utilização da solução de telha canal na laje; 3) Utilização de azulejos como revestimento de fachadas; 4) Parapeito ventilado.

1) Rigor técnico: Amorim, segundo depoimentos de seus alunos, era um professor que exigia deles atenção aos detalhes técnicos, mantendo-se fiel à estrutura de concreto armado, nunca substituindo-a por madeira, como fizeram Lúcio Costa e seus seguidores. Bruand (1981, 147) escreveu que esses arquitetos, ao usarem tais soluções, não estavam transgredindo os princípios racionalistas: *"mas Amorim, mais severo que eles, não se deixou seduzir pelo requinte da rusticidade"*.

2) Utilização da solução de telha canal na laje: Luiz Amorim (2001, 96) disse acreditar que pela simplicidade desta técnica, a existência de experiências contemporâneas à de seu pai é altamente provável, mas o mérito é na busca de regionalizar a laje lisa, não só no aspecto climático, mas principalmente, na identidade com os componentes de uma arquitetura luso-brasileira.

A utilização de telhados planos no clima quente e úmido do Recife apresentava três grandes inconvenientes, conforme apontou Bruand (1981, 147) ao analisar o uso dessa solução por Amorim: *"1) A dificuldade de drenagem e os conseqüentes riscos de infiltração na época das chuvas; 2) O perigo de fissuras sob a ação contínua do sol forte; 3) O baixo grau de isolamento térmico do concreto, que transmitiu o calor recebido"*.

Desta forma, a técnica consistiu em colocar a telha cerâmica tipo canaletas sobre uma laje de concreto, verificando que se tratava de uma excelente solução, uma vez que a circulação de ar entre as telhas e a laje mostrou-se suficiente para garantir o resfriamento do isto, evitando por um lado a sua dilatação e os conseqüentes riscos e, por outro, tornando desnecessário cobri-lo completamente com materiais isolantes. O arquiteto imaginou que o sombreamento da laje e a constante circulação de ar entre as telhas reduziriam a temperatura dos ambientes internos.



Luiz Amorim observou que:

O sistema não se mostrou tão eficiente, mas o conforto desejado foi alcançado com um conjunto de soluções agregadas: ladrilho em laje, alturas internas generosas, aeração e ventilação constante dos ambientes internos, revestimentos de superfícies externas em telhas e materiais cerâmicos e o uso de grandes painéis venezianos de madeira. (AMORIM, 2002, 75)

Essa contribuição foi de grande relevância para a arquitetura local, sendo adotada não só pelos arquitetos, mas também pelas gentes da cidade que os assimilaram, fazendo parte, por isso, da tradição da construção no Nordeste brasileiro.

3) Utilização de azulejos como revestimento de fachadas: Recife é conhecida pela umidade e esse aspecto é muito prejudicial para o revestimento de edifícios, que requerem manutenção constante para combater os efeitos das intempéries. Amorim aplicou o azulejo como um simples revestimento, utilizando-o para proteger todas ou partes das fachadas que necessitavam de proteção climática, um processo caro, mas que evitava gastos futuros com a manutenção da obra.

4) Parapeito ventilado: esta solução foi utilizada por Amorim para substituir a utilização de venezianas em ambientes que necessitavam de ventilação constante: a solução consiste em duas vigas de concreto armado sobrepostas paralelas, mas em planos verticais diferentes, de forma a que o ar estava sempre circulando, mas não permitindo a entrada de água das chuvas tropicais.

Concluindo as informações necessárias sobre uma breve trajetória de Amorim, Lira (2020, s/p) escreveu sobre o conjunto da obra recifense do arquiteto português, e o resultado de tal contribuição sintetizada na Casa Miguel Vita:

Vista em conjunto, sua obra brasileira é impregnada de reflexão sobre os materiais, as técnicas, as formas, os espaços em sua pertinência ao ambiente local, com seu clima quente e úmido, o sol e a chuva sempre volumosos, sua brisa estável, confiável, com sua tradição da fresca, da sombra, da vida de terraço, de pátio, de jardim, de quintal. E tudo estava na casa Miguel Vita, ainda que seus muros de mansão, mais altos que de costume, ousassem escondê-lo. (LIRA, 2020, s/p)

### **ESTUDO DE CASO: CASA MIGUEL VITA. 1958.**

A obra em pauta faz parte da segunda fase da produção residencial do arquiteto, conforme classificou Gomes (1995. AU.57: 74), e possui influência da Escola Carioca, adotando soluções do vocabulário arquitetônico dos arquitetos como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Jorge Moreira, entre outros.

Observa-se ainda, uma influência da arquitetura residencial produzida pelo arquiteto paranaense, Vilanova Artigas, em suas obras paulistas residenciais projetadas entre os anos de 1948 a 1955 (COTRIM, 2017,45).

Artigas manteve nesse recorte, uma linguagem que muito influenciou aos arquitetos que atuavam em projetos residenciais naqueles anos, pois foram mais de 33 obras construídas e bastante difundidas em revistas da época, como a Revista Acrópole.

Cotrim (2017) explica que a obra de Artigas nessa fase possuíam recursos programáticos, formais e técnicos condensados em três estratégias projetuais: “*a sobreposição de dois volumes em sentido contrário, um térreo e outro superior; o volume único, podendo ser de um ou mais pavimentos, e finalmente, a solução em dois volumes conectados*”. (COTRIM, 2017,47)

Observou-se que, Amorim adotou essas estratégias ao projetar a Casa Miguel Vita, e tal influência não pode passar despercebida, pois na casa Miguel Vita foi empregada a solução dos dois volumes em sentido oposto, formando o telhado “asa de borboleta”, conforme será visto na análise da dimensão formal.

Como metodologia para analisar-se arquitetonicamente a obra em pauta, adotou-se aqui a proposta desenvolvida por Afonso (2019), de acordo o que foi colocado na introdução desse artigo- tratando-se pontualmente, de cada dimensão para a compreensão e apreensão do objeto arquitetônico, como um todo.

#### **A documentação analógica e digital**

Antes de tudo, é necessário esclarecer aqui, que para a realização da análise arquitetônica, foi necessário coletar o material de projeto original da residência, através de acesso às cópias antigas heliográficas obtidas no Arquivo da 4ª. Regional da DIRCON da Prefeitura Municipal de Recife. Através do redesenho de todo o projeto arquitetônico em programa gráfico de Autocad, foi possível perceber de forma mais direta os critérios projetuais adotados por Amorim, proporcionando a possibilidade dessa análise.





Atualmente, utilizando-se dessa segunda documentação gráfica gerada pelo uso de ferramentas digitais, foi realizado o estudo tectônico da obra, observando as soluções estruturais, as peles, os detalhes, empregando nessa terceira etapa documental, o programa Sketchup para reconstruir o projeto de maneira virtual.

A geração dessa terceira etapa da documentação (figura 4), empregando as tecnologias contemporâneas, é de grande importância nesse momento, no qual, houve a demolição total da obra, durante o mês de outubro de 2020. Pois, após tal fato, nos resta apenas como memória desse acervo, a sua documentação projetual e resgate fotográfico, realizado pela autora durante sua pesquisa de campo em 2004 (AFONSO, 2006).

Figura 4: Terceira etapa da documentação através da reconstrução virtual da Casa Miguel Vita enquadrando as fachadas noroeste e sudoeste, onde localizava-se a área de serviço e garagem.



Fonte: Reconstrução virtual realizada por Ivanilson Pereira, em 2020- utilizando como base, o redesenho da autora elaborado em 2004, que adotou como suporte o desenho original coletado no arquivo 4º. Regional da Dircon. PCR.

Dessa forma, a análise arquitetônica que se apresentará aqui, utilizou do material coletado e produzido nessas três etapas documentais, para difundir ao público em geral, e ao meio acadêmico, especificamente àquele voltado aos estudos da modernidade recifense, nordestina e brasileira- os valores e atributos desse excelente exemplar, que foi abruptamente demolido. Através da análise poderá ser constatado os atributos que compunham a Casa Miguel Vita, através da observação atenta das suas soluções projetuais e construtivas.

### ***Dimensão histórica***

O projeto da residência foi desenvolvido no final de 1958, por Delfim Amorim, com a colaboração do arquiteto Armindo Leal, para a família do industrial Miguel Vita, proprietário da fábrica de refrigerantes Fratelli Vita, e ex-presidente da Federação das Indústrias de Pernambuco (FIEPE), segundo escreveu FRANÇA (2020, s/p).

Nessa época, sete anos após sua chegada ao Recife, Amorim já estava atuando como professor titular do curso de Pequenas Composições no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes do Recife, e pode-se afirmar, que ele já estava familiarizado com a realidade brasileira, especificamente, a recifense.

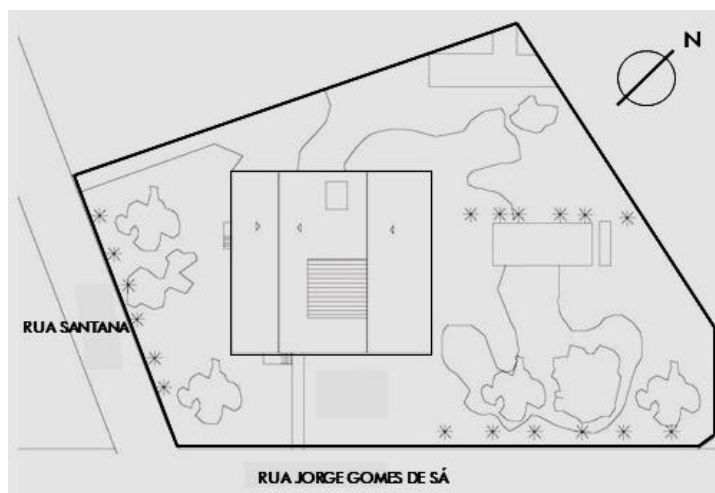
A possibilidade de projetar uma casa de grandes dimensões e padrão alto- o deixou em situação cômoda para criar livremente uma proposta que pudesse adotar os seus critérios projetuais na prática. A parceria com o arquiteto Armindo Leal se fez presente em vários trabalhos ao longo de sua carreira, demonstrando sintonia entre os parceiros no desenvolvimento de obras importantes na cidade.

### ***Dimensão espacial***

A casa foi implantada em um terreno amplo (figura 5) situado em uma esquina entre a Rua Santana e a Rua Jorge Gomes de Sá (antiga Rua Astério Rufino Alves), no bairro de Casa Forte, zona residencial de classe média alta da cidade do Recife, local onde foram projetadas várias obras modernas nos anos 50 e 60.



Figura 5: Planta de locação da Casa Miguel Vita



Fonte: Redesenho da autora baseado em desenho original coletado no arquivo da 4ª. Regional da Dircon. PCR. AFONSO,2006.

Na época de construção da casa, o bairro de Casa Forte era tipicamente residencial, com habitações unifamiliares implantadas em lotes grandes e arborizados. Mas, no decorrer do tempo, foi se transformando em um espaço muito valorizado urbanisticamente, devido ao seu clima, vegetação densa, e localização.

Tais aspectos fizeram com que a área fosse abrigando novos programas arquitetônicos, como edifícios multifamiliares de altura, edificações comerciais e de serviços, com a construção de um shopping center, de hipermercados - que iniciaram o processo de descaracterização e demolição de parte do acervo arquitetônico eclético e moderno que compunham a paisagem do lugar. Contudo, entre tantas ocupações danosas à preservação arquitetônica, a prefeitura municipal de Recife criou um parque urbano no bairro, o parque Santana, que margeia o Rio Capibaribe - situado no entorno imediato da Casa Miguel Vita.

A presença da vegetação era abundante com árvores frutíferas que circundavam o imóvel (figura 7), criando uma proteção climática contra as altas temperaturas e insolação da estação seca.

Figura 7: Implantação da casa entre a vegetação abundante, antes da demolição.



Fonte: Imagem coletada através do Google maps.2020.

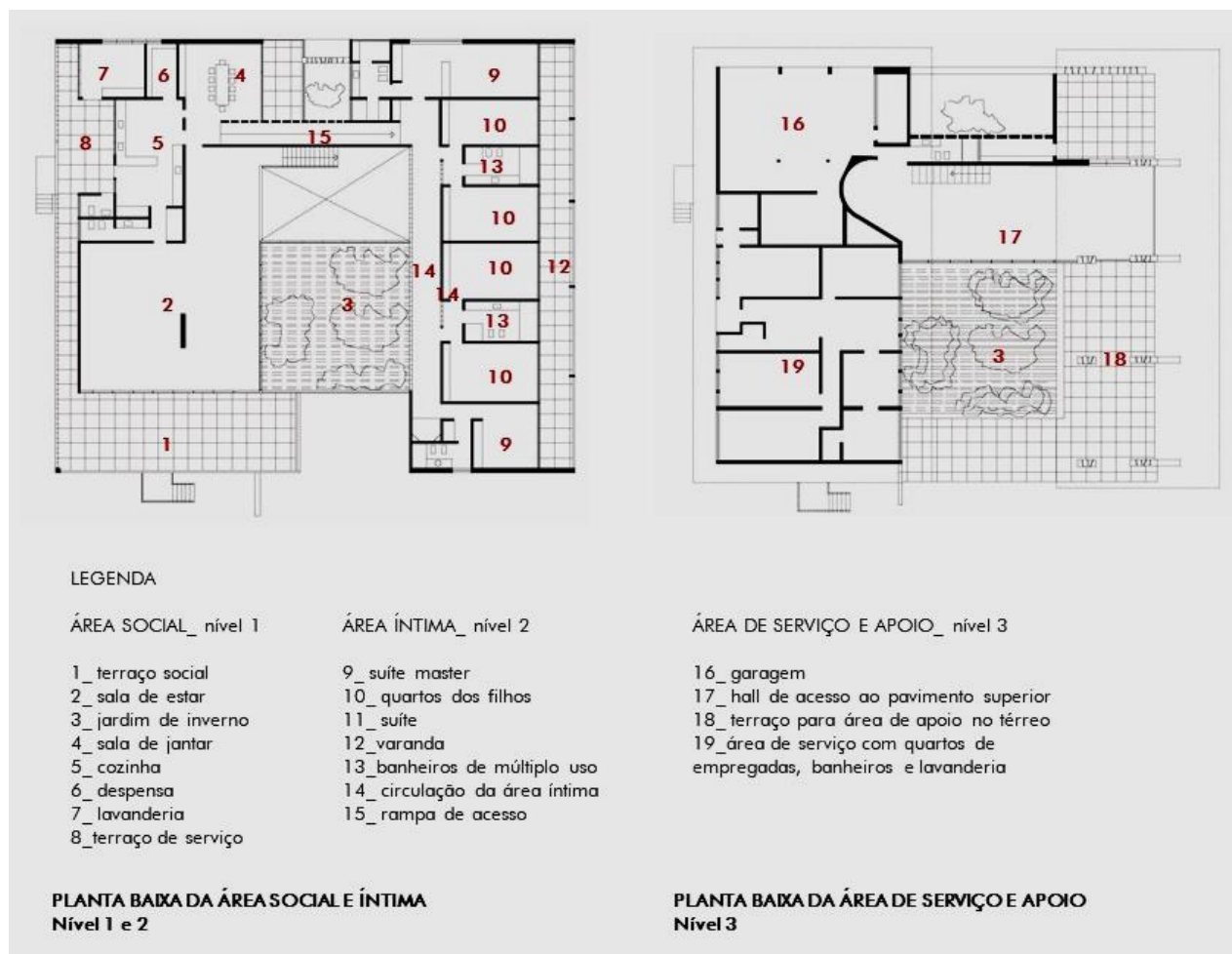
A atenção aos condicionantes climáticos fez com que os autores da obra realizassem a distribuição das zonas de uso em função da orientação solar, aproveitando ao máximo a ventilação natural para as zonas íntima e social.

Para solucionar o programa de necessidades da casa, Amorim propôs três níveis de altura, interligados através de escadas e rampas. Vale salientar, que o uso de rampas na arquitetura residencial brasileira foi bastante utilizado pelos arquitetos modernos, e principalmente pelo arquiteto Vilanova Artigas, que no ano de 1949, resolveu a circulação interna da casa Juljan Czapski, de forma inovadora: "a rampa nesta casa não funciona como instrumento de resolução

de um problema concreto, ao contrário, assume papel compositivo aparecendo na fachada com a mesma inclinação que o telhado.”(COTRIM, 2017, 49)

Através do acesso ao material de projeto obtido no arquivo municipal da 4ª regional da Dircon, foi possível se redesenhar as plantas- baixas para poder observar melhor as soluções projetuais empregadas (figura 8).

Figura 8: Plantas baixas da Casa Miguel Vita



Fonte: Redesenho da autora baseado em desenho original coletado no arquivo da 4ª. Regional da Dircon. PCR.AFONSO, 2006.

O nível 1 abrigava o setor social e parte do serviço. A zona social era composta por um terraço de acesso que funcionava como um hall, elevado aproximadamente 1m em relação ao nível da rua; uma sala de estar ampla e dividida em dois ambientes com vista para o mezanino com jardim de inverno; uma sala de jantar mais reservada. Como parte do programa destinado aos serviços, nesse mesmo nível foi colocada a cozinha ampla, com despensa; uma lavanderia e terraço de apoio.

Um dos elementos de destaque no espaço interno era o pátio interno, denominado jardim de inverno, coberto com pérgulas de concreto armado, que, além de enriquecer plasticamente o espaço, criou um poço para iluminação e ventilação dos ambientes que o cercavam. O pátio ainda possuía a função de servir como elemento de transição entre o espaço social e o espaço de serviço.

O acesso à área íntima- localizada no nível 2- era realizada por uma rampa que conduzia à suíte máster do casal proprietário; aos quatro quartos para filhos, e uma suíte menor, além de dois banheiros de múltiplo uso: todos esses espaços foram contemplados com uma varanda em fita que proporcionava a permeabilidade visual à área de lazer que ficava defronte, no pavimento térreo.

O terraço contínuo presente no piso superior da moradia, com acesso aos quartos, é uma constante de Amorim, que quase sempre o coloca na direção dos ventos dominantes na cidade (sudeste e nordeste), proporcionando agradáveis sombras e ventilação constante aos quartos.

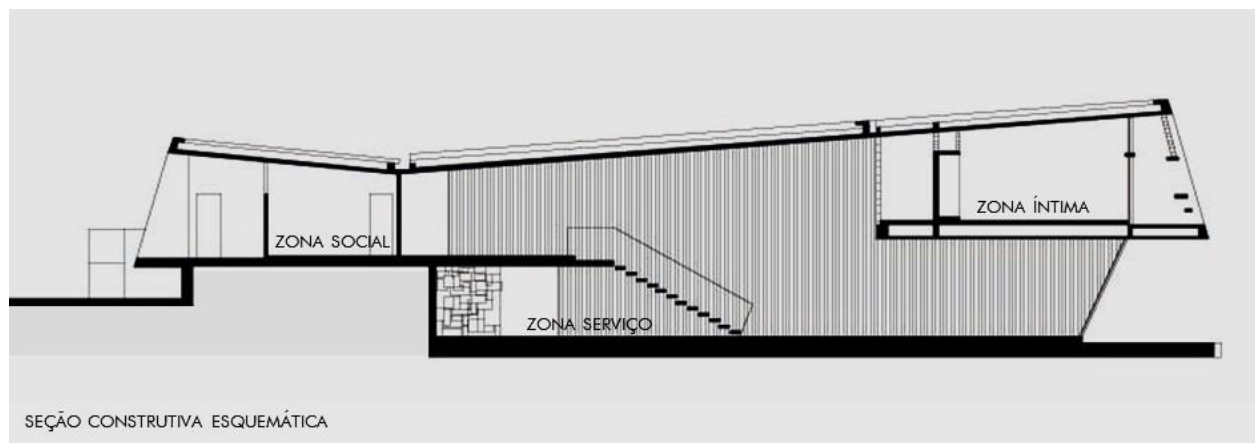


A zona íntima da casa Miguel Vita foi solucionada de forma laminar, modulada e elevada do solo, recebendo a ventilação nordeste presente grande parte do ano na cidade. E, sem dúvida esta zona é um ponto de tensão visual, possuindo a circulação de acesso aos quartos, o pé-direito duplo, mezanino, com vista para o jardim de inverno.

No pavimento térreo, o nível 3- foram projetadas as zonas de serviço e a zona de apoio. A área de serviço possuía um vasto programa, e era composta de garagem para três carros, vários quartos para as empregadas domésticas e demais funcionários, depósito. Estava direcionada à orientação sudoeste, recebendo o sol da tarde.

Nesse mesmo nível, voltado para a orientação nordeste, foi projetado um terraço laminar e modulado, implantado na parte inferior da zona íntima, e que mantinha relação direta com a piscina e área de apoio, composto ainda de sala de jogos e convivência, conforme pode ser mais bem apreendido na figura 9.

Figura 9: Seção construtiva da Casa Miguel Vita.



Fonte: Redesenho da autora baseado em desenho original coletado no arquivo da 4ª. Regional da Dircon. PCR.AFONSO, 2006.

Outra peculiaridade desse projeto em planta foi a solução em elevar a casa do solo, trabalhando com um nível mais elevado em relação à rua, para distribuir o programa da área social nessa cota. Pode-se justificar tal atitude, considerando três aspectos:

- 1) A valorização da volumetria da obra, soltando-a do solo, e conferindo mais leveza.
- 2) As fortes enchentes as quais a cidade e o bairro estavam sujeitos, e devido à proximidade do Rio Capibaribe do imóvel, este era sempre muito prejudicado pelas inundações. E como maneira de proteger as zonas mais privilegiadas da casa, tal solução foi empregada;
- 3) A busca em obter melhor conforto climático, pois elevando o volume, este receberia uma melhor ventilação e, o protegia da umidade do solo, proporcionando uma solução mais salubre às zonas funcionais da casa.

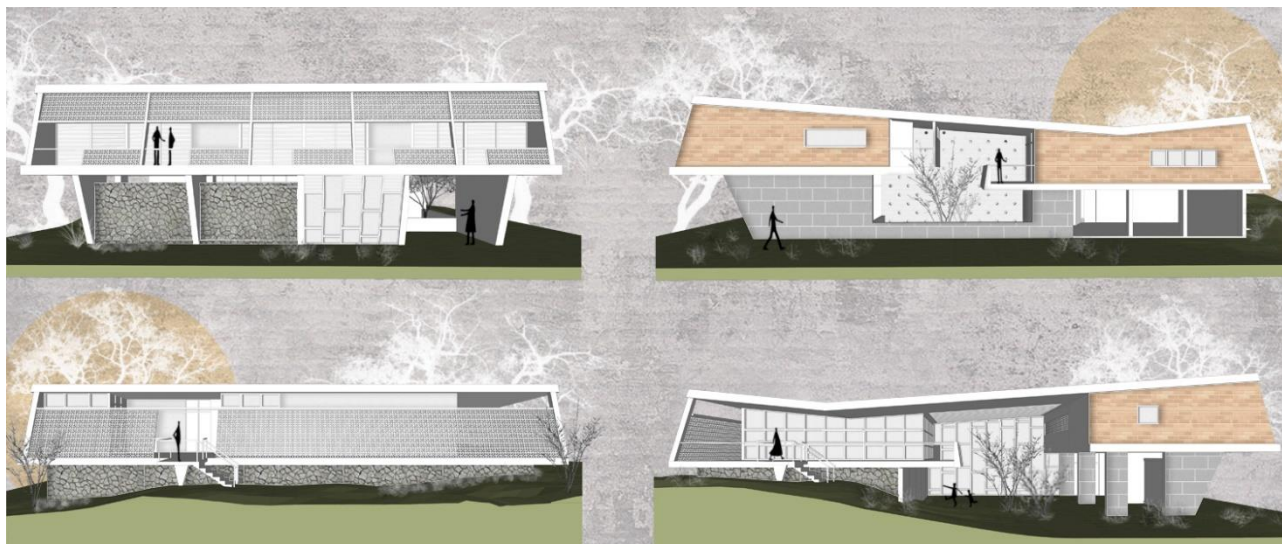
### ***Dimensão formal***

O resultado plástico do volume da obra, com seu caráter moderno, foi muito positivo, visto que todas as fachadas receberam atenção especial no projeto, a fim de se obter um equilíbrio do conjunto que trabalhava com cobertura com lajes inclinadas, revestidas com telhas de fibrocimento arrematas por vigas platibandas.

O estudo volumétrico (figura 10) resultante foi possível através do equilíbrio no jogo de planos com distintos materiais e peles para revestimentos das superfícies, o ritmo criado no tratamento de todas as fachadas, a elevação da volumetria do solo, que em conjunto - conferiram à obra, um resultado de excelência e de elegância projetual e construtiva., conforme pode ser constatado no estudo de reconstrução virtual realizado, que possibilita a leitura e o registro documental da casa Miguel Vita, que foi demolida de forma abrupta.

A linguagem formal adotada por Amorim remete à uma influência da Escola Carioca, presente em trabalhos de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Affonso Eduardo Reidy. As referências arquitetônicas daqueles anos eram o conjunto de Pampulha projetado por Niemeyer, nos anos 40, em Belo Horizonte; a Casa Carmem Portinho, projetada por Reidy, em 1950; e as soluções adotadas por Lúcio Costa, no uso de azulejos como revestimentos de fachadas. Esse repertório esteve presente de forma direta nas soluções empregadas na Casa Miguel Vita.

Figura 10: Estudos volumétricos das fachadas através da reconstrução virtual.

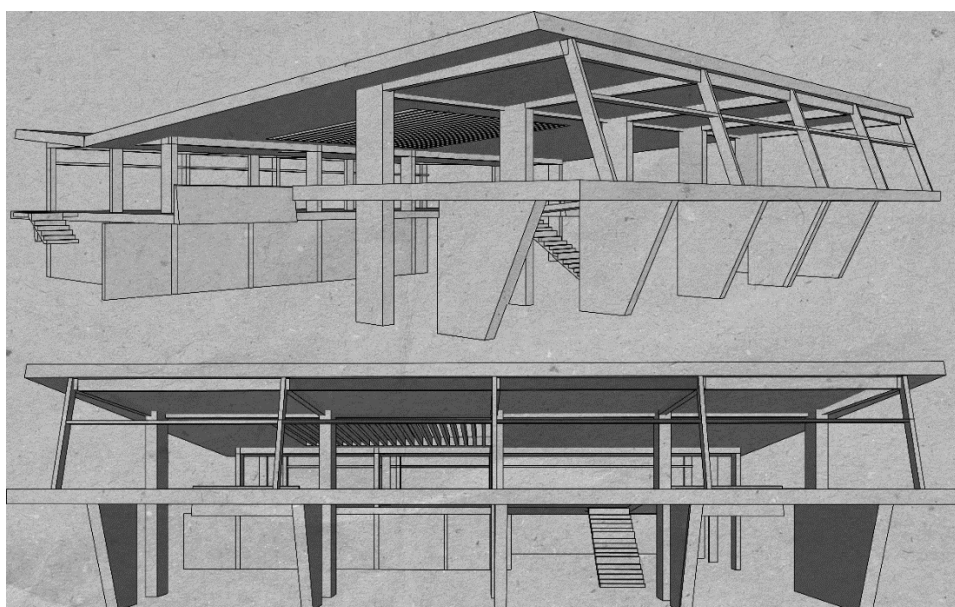


Fonte: Reconstrução virtual realizada por Ivanilson Pereira baseado em redesenho em Autocad de Alcilia Afonso. 2020.

### ***Dimensão tectônica***

A solução construtiva partiu da adoção de um sistema estrutural misto, não sistemático, mas sintomático- com o uso do concreto armado como sistema dominante para a estrutura, que em alguns trechos utilizou pilares em ferro - como por exemplo, na sustentação da rampa de acesso aos quartos; e paredes autoportantes, na área de serviço.

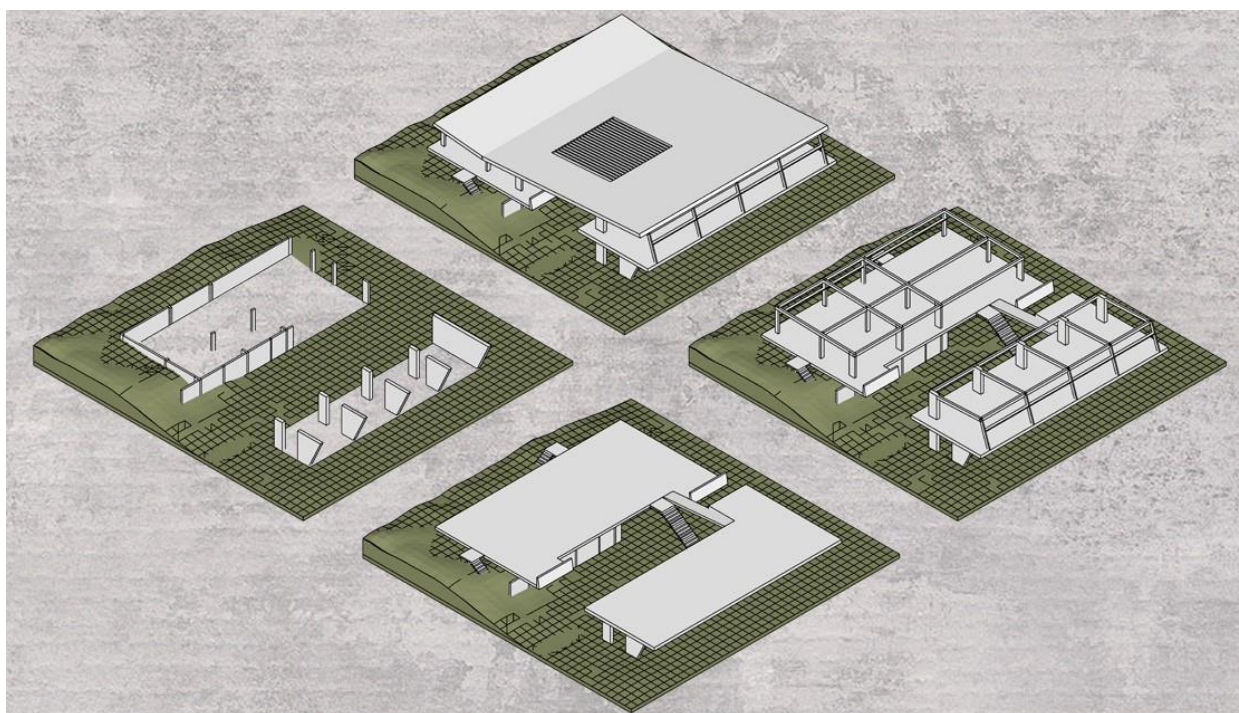
Figura 11: Estudos tectônicos da Casa através da reconstrução virtual.



Fonte: Reconstrução virtual realizada por Ivanilson Pereira baseado em redesenho em Autocad de Alcilia Afonso. 2020.

Os pilares de sustentação da zona íntima foram desenhados de forma trapezoidal (figura 11), espaçados de forma modulada, criando um jogo interessante, tanto do ponto de vista estrutural, quanto plástico, conforme pode ser constatado no estudo de reconstrução virtual da Casa, que apresentou como um dos resultados a possibilidade de percepção da relação forma/ estrutura na solução adotada por Amorim (figura 12).

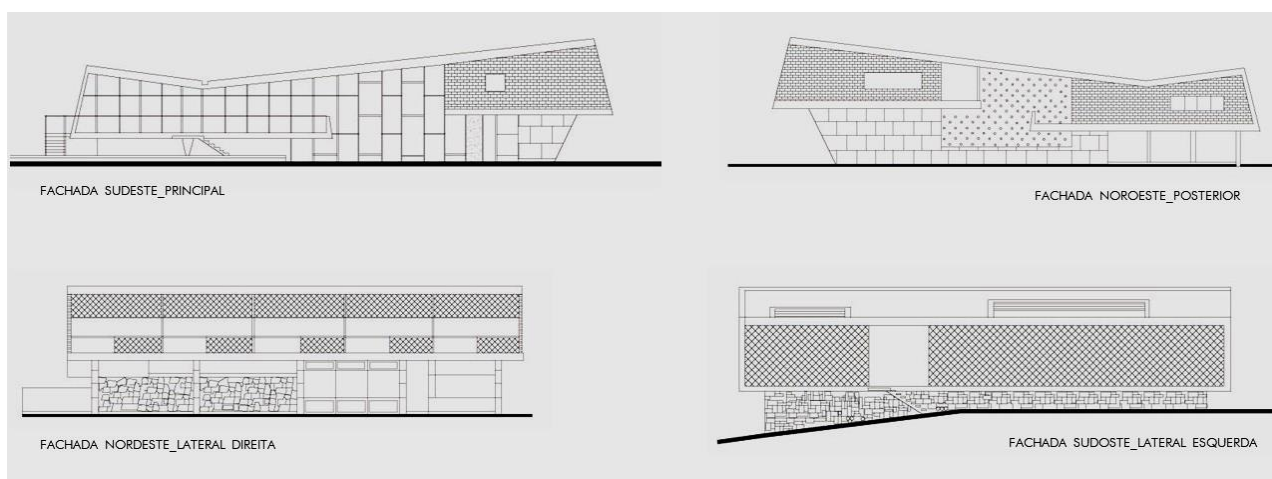
Figura 12: Estudos tectônicos, com enfoque na relação forma/ estrutura da Casa Miguel Vita, através da reconstrução virtual.



Fonte: Reconstrução virtual realizada por Ivanilson Pereira baseado em redesenho em Autocad de Alcilia Afonso. 2020.

A marcação estrutural estava mais presente nas fachadas, pois a relação arquitetura e estrutura é nítida nas soluções empregadas, ao ser adotado o uso de vigas platibandas nas paredes inclinadas e na cobertura em asa de borboleta.

Figura 13: Fachadas da Casa Miguel Vita.



Fonte: Redesenho em Autocad de AFONSO, A.2006.

No espaço interno, a solução estrutural utilizada na área social proporcionou espaços mais integrados, transparentes, sem a presença de paredes divisórias, adotando como revestimentos das paredes, as peles em vidro, estruturadas com madeira, que permitiam um diálogo entre interior e exterior. Desperta interesse, a solução que foi adotada nas esquadrias do terraço térreo, na parte inferior à zona íntima (figura14).

Figura 14: Tratamento dado às esquadrias do terraço no pavimento térreo



Fonte: Fotomontagem com fotografias da autora. 2004.

A cobertura foi solucionada empregando laje inclinada em duas águas com caimento para a parte interna, conhecida como asa de borboleta (figura 15)- e buscava uma melhor solução climática, desempenhando um papel importante na configuração do edifício, tanto interna como externamente, proporcionando fachadas de formas trapezoidais, e espaços de pé-direito duplo e volumetrias com linhas modernas

Figura 15: Tratamento dado à cobertura em asa de borboleta.



Fonte: Fotomontagem baseada em fotografias da autora. AFONSO, 2006.

No que é referente à materialidade da obra, Amorim adotou soluções onde a plasticidade e o cromatismo alcançado é consequência da utilização de materiais como a pedra, a madeira, o tijolo e o concreto armado aparentes- além do uso dos azulejos em tons de azul e branco, que contrastavam com as superfícies dos volumes brancos, e os planos de vidro.

As peles ou invólucros utilizados foram executados com caixilharia de madeira, modulada, independente da estrutura, com folhas de vidro ou venezianas. A opção por veneziana foi mais utilizada na área íntima, nos quartos- pois necessitam de maior conforto ambiental, permitindo a ventilação constante dos ambientes. (figura 16)

Figura 16: Peles em buzinetes da parede da rampa, e panos de esquadrias de madeira com vidro, corredeiras presentes na varanda dos quartos, no pavimento superior.



Fonte: Fotomontagem baseada em fotografias da autora. 2004.

### ***Dimensão funcional***

A obra havia sido projetada para funcionar como residência unifamiliar, e durante duas décadas abrigou em seus espaços a família do industrial Miguel Vita. No início dos anos 80 do século XX, passou a ser alugada para a uma repartição pública estadual, que deu início ao processo de descaracterização do imóvel, para adaptar a tipologia ao novo uso institucional- a sede da Agência Estadual de Meio Ambiente (que manteve a antiga sigla CPRH da Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos).

Entretanto, tal mudança de função- de casa à repartição pública- criou uma trajetória de abandono e falta de manutenção do imóvel ao longo dos anos, pois não recebeu acompanhamento profissional devido, a fim de preservar os valores arquitetônicos da obra. Durante quarenta anos funcionando na antiga residência, a instituição realizou uma série de reformas, construindo edículas, fechamentos de paredes, colocação de condicionadores de ar, e outros elementos parasitários, que prejudicaram muito à conservação da edificação.

### ***Dimensão normativa***

Após pesquisa realizada recentemente, foi observado que a Casa Miguel Vita ainda não estava protegida legalmente, apesar de fazer “parte de uma lista de imóveis dignos de tombamento que a diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Prefeitura do Recife havia elaborado em 2013, mas que jamais foi confirmada pelo prefeito Geraldo Júlio”, conforme escreveu França (2020, s/p).

Mesmo possuindo o reconhecimento de seus valores arquitetônicos por parte de intelectuais e pesquisadores pernambucanos, e sendo possuidora de atributos que conferiam a autenticidade e grande parte da integridade do projeto arquitetônico e de suas soluções construtivas, o imóvel foi demolido.

### ***Dimensão da conservação: considerações finais***

Após a breve análise aqui realizada, é possível traçar as considerações finais sobre a Casa Miguel Vita trazendo à tona alguns questionamentos ligados à sua conservação.

Antes de tudo, é importante esclarecer que a existência e permanência dos bens culturais são efêmeras, se determinado bem, não for devidamente mantido e conservado. Sabe-se também, que o mau uso, acelera a sua degradação.

Entretanto, o problema mais sério da contemporaneidade referente à preservação arquitetônica são os interesses imobiliários, e a obtenção de lucros rápida. Com a Casa Miguel Vita não foi diferente e os herdeiros tinham pressa, e



por isso, para agilizar os trâmites, mandaram demolir toda a casa, em um final de semana, a fim de evitar o processo de tombamento e também, fazer com que os movimentos sociais envolvidos na melhoria urbana e na preservação cultural não conseguissem ser ágeis para um embargo judicial.

Observa-se que na gestão pública urbana em época eleitoral, o jogo de interesse entre políticos e empresários é pesado, e a moeda de troca são acordos escusos que passam por cima dos interesses públicos da sociedade, e das leis, e não surpreende mais a população que assiste impotente tal desmando.

França (2020:s/p) escreveu que o filho de Amorim, o professor e arquiteto Luiz Amorim, não se surpreendeu com a demolição da obra, colocando que:

Não há nada excepcional em relação ao que vem acontecendo no Recife. Não há surpresas: essas demolições começam sempre aos sábados e são concluídas no domingo, numa verdadeira operação de guerra em que tratores arrastam as estruturas de sustentação com correntes. (Luiz Amorim em depoimento dado à FRANÇA, 2020, s/p)

Soube-se através da imprensa local (França, 2020) que o CPRH/ Agência Estadual de Meio Ambiente tinha demonstrado interesse em adquirir a edificação e realizar um projeto de restauro preservando os traços originais e prevendo um prédio administrativo de oito andares na área posterior do terreno.

Contudo, as negociações entre herdeiros e governo estadual não prosperaram, estancando a proposta que certamente, manteria o imóvel conservado de forma adequada. Com a degradação da relação imobiliária de locação, a Casa Miguel Vita acabou sendo vendida para uma construtora, que rapidamente a fim de evitar manifestações, demoliu o exemplar, que sem dúvida deixa uma lacuna grande na história da arquitetura moderna regional e brasileira.

Figura 16: A Casa Miguel Vita sendo demolida, no dia 3 de outubro de 2020.



Fonte: Fotografia de Fred Jordão. 2020.

O que nos resta agora para salvaguardar a memória arquitetônica da obra é a documentação que foi gerada na pesquisa de Afonso (2006) e textos e depoimentos de arquitetos, intelectuais, como Lira (2020) que aqui transcrevo como conclusão sobre a Casa Miguel Vita e suas acertadas soluções arquitetônicas:

Assim como seu típico uso do telhado de suave inclinação (no caso em borboleta), com a telha canal assentada diretamente sobre a laje plana estruturada em nervuras de concreto e blocos cerâmicos, seu modo de pousar, ou antes, de negociar com o solo, e seus pilares trapezoidais, seu controle brilhante de planos, de altimetria, de promenade, de superfícies e revestimentos. Soluções que cairiam como nenhuma outra ao gosto regional-modernista da intelectualidade e da clientela pernambucana. **Uma joia de elegância, de inteligência arquitetônica, que foi hoje espezzinhada pelos tratores.** (LIRA,2020, s/p)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Alcilia. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, pp. 54-70, dez. 2019
- AFONSO, Alcilia. Arquitetura do sol. Soluções climáticas produzidas em Recife nos anos 50. *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 147.00, Vitruvius, ago. 2012 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.147/4466>>.2012. Acesso em 17 de outubro de 2020.
- AFONSO, Alcilia. *La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50 en Recife*. Tese doutoral apresentada ao Departamento de projetos arquitetônicos da ETSAB/UPC. Barcelona. 2006.
- AMORIM, Luiz. Delfim Amorim. Construtor de Uma Linguagem Síntese. *Revista de Arquitetura e Urbanismo*. Nº 24, pp. 94-97. 1989.
- AMORIM, Luiz. Recife: uma escola regional? *Revista Arquitetura e Urbanismo*. Nº 94, pp. 71-79. 2001.
- AMORIM, Luiz. *Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos*. Em rede <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq012/bases/03text.asp>. Acesso em 18 de fevereiro de 2004.
- ANDRADE JR, Nivaldo. Patrimônio Arquitetônico. In: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (org.) *Dicionário temático de patrimônio. Debates contemporâneos*. Campinas: Editora Unicamp. pp. 31-33. 2020.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspective. pp.147-148.1981.
- CAMARGO, Mônica Junqueira. Patrimônio Moderno. In: CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. (org.) *Dicionário temático de patrimônio. Debates contemporâneos*. Campinas: Editora Unicamp. pp 169-171.2020.
- FRANÇA, Inácio. 13:23. *Mais uma casa modernista é demolida às escondidas no Recife* <https://marcozero.org/mais-uma-casa-modernista-e-demolida-as-escondidas-em-recife/> em 05/10/2020, acesso em 20 de outubro de 2020.
- GOMES, Geraldo. Um Modernista português no Recife. *Revista Arquitetura e Urbanismo*. Nº57, pp. 71-79.1995
- KOCH, Wilfred. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes.1994.
- LIRA, José. Ruínas da modernidade no Recife. Bota-abixo de casas modernas e saudades de futuro. *Minha Cidade*, São Paulo, ano 20, n. 243.02, Vitruvius, out. 2020 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.243/7904>>. acesso em 20 de outubro de 2020.
- LE CORBUSIER. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Editora Hucitec. Edusp. 1989.
- LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva. 6ª. Edição. 2000.
- OITICICA, Djanira et all. *Arquiteto Delfim Amorim*. Recife: IAB. 1991.
- SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil*. São Paulo: EDUSP.1997.
- Webinar *Tecnologias digitais para documentação: do vernáculo ao moderno*. Em rede: <https://www.youtube.com/watch?v=0aldi-042S0&feature=youtu.be>. Transmitido ao vivo em 23 de set. de 2020. Acesso em 18 de outubro de 2020.

